

D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA E A DIVINIZAÇÃO DA TERRA MATOGROSSENSE

Moisés Carlos de AMORIM (ECCO-UFMT)¹
Orientador: Prof. Dr. Mário Cezar Silva LEITE

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade analisar a obra de D. Aquino Corrêa, especificamente “Terra Natal”, cuja característica é a exaltação dos valores regionais, tais como natureza e tradição, evidenciando aspectos relativos à divinização do local. Para tanto é necessário estabelecer os valores de identidade regional no período em que surgiu o livro, contextualizando-o ao projeto cultural que os intelectuais idealizavam em Mato-Grosso. Desta forma, as pesquisas realizadas, que discutem a proposta do poeta, nortearão o trabalho; portanto, procurar-se-á refletir o imaginário mítico sagrado que a poesia romântica imprime em seu discurso sob a égide da glorificação.

Palavras-chave: Literatura em Mato Grosso. Identidade. Mito do espaço fundacional.

1. Introdução

A literatura produzida em Mato Grosso no final do século XIX e início do século XX define-se pela construção da identidade regional. Sobre isso, o professor Mário Cezar Silva Leite comenta em seu artigo “Literatura, Regionalismo e Identidades, cartografia matogrossense” que o discurso regionalista “dá certa coesão entre os três elementos envolvidos, escritores – obras – leitores, e estabelece um certo conjunto – isto é, o sistema organiza-se a partir e em torno do discurso regionalista” (MAPAS DA MINA, 2005, p. 132). Tal literatura, portanto, no plano ideológico, inter-relaciona com os aspectos culturais de maneira peculiar, pois registra artisticamente os costumes e as paisagens locais. O grande mérito da geração liderada por D. Francisco de Aquino Corrêa é, sobretudo, a conscientização do aspecto regionalista, ou seja, o reconhecimento no plano literário da realidade ao redor. Por isso, sua influência estende-se até o período denominado de vanguarda pós-50, marco da revolução concretista que acontecera no Brasil e em Mato-Grosso.

Em se tratando de criação poética e romanesca na tradição artística nacional, pode-se dizer que, a partir do romantismo, surge um projeto para a construção dos valores relativos à nacionalidade, tendo como protagonista o índio e as belezas naturais. A literatura nacionalista do período romântico privilegiou como tema principal a exaltação à terra, de modo a mitificá-la a partir do aspecto de superioridade. No Brasil, o romantismo desenvolveu, durante a primeira fase, uma literatura estritamente nacional, muito embora haja resquícios do

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Cuiabá, Brasil. E-mail: moisescaarmorim@hotmail.com.

pensamento europeu em muitos escritos desta época. É necessário dizer que suas principais características são a exaltação da pátria, o retorno ao passado - principalmente ao passado de glória com seus heróis nacionais - o culto à natureza, o gosto pela simplicidade vocabular, etc. O iniciador foi Gonçalves de Magalhães, em 1836, quando publicou o livro *Suspiros poéticos e saudades*, marco da renovação da arte romântica em terras brasileiras.

Ambos os personagens - o índio e as belezas naturais - eram, portanto, mitificados pelo vocábulo idealista, ultrapassando a barreira do terreno para alcançar a esfera do sagrado. O imaginário sacro permeou os textos dos nossos principais autores românticos. Segundo os estudiosos das Religiões, desde os tempos antigos o homem cultua o lugar onde nasceu, pois este representa para ele “[...] um “ponto fixo”, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a “fundação do mundo”, o viver real [...]” (ELIADE, 1992, p. 18). Além disso, o seu caráter religioso, direcionado pela visão panteísta do mundo, principalmente nos tempos remotos, representa a aproximação da matéria (homem) com a essência (Deus). Assim, a aproximação com a natureza, isto é, com o ambiente sagrado, já vivido e, portanto, santificado pela experiência humana, é renovada, segundo Eliade, por que

[...] existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana. (1992, p. 18-19)

Desta maneira o lugar vivido, onde se encontra o bem, o amor, a alegria – em termos cristãos - torna-se referência para o ser humano. E conseqüentemente ao idealizar de maneira contemplativa o escritor potencializa a terra, comparando-a, em alguns momentos, a um lugar edênico - ao paraíso - cheio de pureza, e, portanto, totalmente sagrada. Praticamente todos os poetas românticos faziam isso, sem, contudo, a glorificação equilibrada, sob a qual sustentara certo orgulho pela terra da infância, que o acolheram desde pequenos. Os nossos primeiros românticos, Gonçalves Dias principalmente, para exemplificarmos o nosso questionamento, glorifica a beleza das terras tropicais, cultuando o nacionalismo a partir da enumeração do aspecto sagrado, tão caro ao famoso poema a “Canção do exílio”. E a maneira como percebemos o sagrado, no plano conteudístico, converge com a concepção claro/escuro (em contraposição), característica da estética barroca no final do século XVI, pois o ambiente

divinizado está cheio de luz, cor e beleza, enquanto que o ambiente profano não apresenta tais brilhos ou matizes.

No que se refere às obras de D. Aquino Corrêa, mais especificamente a obra “Terra Natal”, consolida-se a relação descrita acima entre o eu - lírico e a natureza mato-grossense, de tal modo que nenhum outro lugar será mais fulgurante, bonito e esplêndido quanto as paisagens locais, vistas como paraíso terrestre – pois “[...] na ânsia de reconquistar as mortas estações e de reger os tempos futuros, o Romantismo dinamizou grandes mitos: a nação e o herói [...]” (BOSI, 2006, p. 95). Sobre Terra Natal, o padre Pedro Cometti, estudioso da obra do arcebispo, comenta a seguinte proposição:

O livro (Terra Natal) é o coração de Mato-Grosso, palpitante na grandeza das suas reservas naturais e na reserva de seu patrimônio moral. Aí, como que perpassam, numa porfia genial, a riqueza inesgotável da flora e da fauna matogrossense” (1993, p. 530/531).

O processo constitutivo dos objetos mitificados (nação e herói), como disse acima, se reconhece em contraposição aos objetos da mesma esfera, considerados profanos - se ambos assim compararmos. Isto é claro na obra de D. Francisco de Aquino Corrêa, o grande idealizador do regionalismo em Mato-Grosso. Entretanto, deve-se ao mesmo tempo configurar a relação entre homem e natureza, juntamente com os processos semânticos e formais da construção poética; a situação histórica daquele período; o processo de enraizamento da emancipação, por assim dizer, da cultura regional em detrimento do instinto de nacionalidade que influenciou grande parte das obras artísticas produzidas no Brasil desde o início do século XVIII; enfim, para desta maneira analisar o conceito de sagrado, apreendido na leitura do poema, com o intuito de esclarecer os processos pelos quais evidenciamos esta afirmação a respeito da geração regionalista, consagrada pela figura do nosso poeta.

2. A Construção Da Identidade Regional Em Mato Grosso: Apontamentos

Em Mato Grosso, a geração de D. Aquino Corrêa, tendo ele como líder, é que desenvolveu o projeto para a construção da identidade regional, privilegiando a natureza e os demais aspectos que a constituem. O professor Mário Cezar Silva Leite, sustentado por Lúcia Miguel Pereira, realça a idéia de que a construção do discurso regionalista não deve estar ligada somente aos elementos superficiais: linguagem, descrição natural do ambiente,

descrição dos tipos locais, etc., o discurso regionalista tem por finalidade estabelecer um sistema conforme o recorte de exaltação ou crítica, cuja principal característica seja diferenciá-lo dos demais discursos. Em D. Aquino o trabalho com a forma correlaciona aos temas nobres, “pois não há matéria mais digna de ser cantada do que as belezas regionais”. Em consonância com a proposta deste primeiro momento regionalista em Mato Grosso, havia figuras de grande destaque, como José de Mesquita, cuja produção estabelece pontos de contato com a do arcebispo. E, segundo o professor Mário Cezar, é isto que solidifica o projeto de construção da identidade, pois

[...] Primeiro, como já apontei, a partir de determinado momento específico organiza-se um sistema literário tendo como fator central o discurso regionalista que deu, e dá desde então, uma certa coesão entre três elementos envolvidos, escritores-obra-leitores, e estabelece um certo conjunto – isto é, o sistema organiza-se a partir e em torno do discurso regionalista; segundo, este sistema assim organizado não pode ser pensado sem se considerar, como parte absolutamente interna de sua configuração, as figuras centrais de sua fundação; e, terceiro, também não pode ser pensado sem se considerar a produção literária, biográfica ou histórica, os discursos, criados-elaborados sobre essas figuras – responsáveis pela construção efetiva de suas imagens. Daí que, por ora, parece-me indispensável sinalizar para a centralidade das duas instituições citadas acima – Instituto Histórico e o Centro Mato-grossense de Letras e para duas das mais emblemáticas figuras de todo este processo, no primeiro momento regionalista mais identificável: Dom Aquino Corrêa e José de Mesquita [...] (MAPAS DA MINA, 2005, p. 237)

O projeto de construção da identidade regional recebeu a demasiada influência da literatura romântica nacionalista - a primeira geração – como consta nos livros de crítica literária. E tal influência resultou na produção de poemas que demonstravam a natureza mitificada, pois D. Aquino aspirava ao triunfo de consolidar o seu ideal estético. Em Mato Grosso, como em outros lugares do país, surgem associações culturais com o intuito “[...] de cultivar as cousas do espírito, e principalmente, pela revelação de valores e estímulos de vocações [...]” (PÓVOAS, 1994, p. 39). Neste sentido a sua permanência ao longo dos anos como membro da academia brasileira de letras, criador do instituto histórico e geográfico de Mato Grosso, poeta e orador, foi determinante para o desenvolvimento da cultura regional fora e dentro do estado, embora a sua figura fosse estritamente conservadora, elaborada pela estética já em decadência:

[..] A perfeição formal é, para Dom Aquino, o objetivo que todo poeta deve almejar. Em sua poesia são caros e essenciais o rigor formal, o purismo

lingüístico, o léxico erudito e a nobreza temática, emblemas inalienáveis do Parnasianismo [...] A poesia de Dom Aquino caracteriza-se pelo perfeito casamento entre a tradição romântica e a parnasiana, não obstante o rigor formal incontestável presente em praticamente todos os seus poemas [...] (MAGALHÃES, p. 41 a 45)

É, pois, o que exatamente poder-se-ia argumentar sobre o instinto de nacionalidade de que fala Machado de Assis. O poeta colaborou para as letras do estado, sendo conhecido nacionalmente pela vida sacerdotal e artística que exerceu. Machado de Assis ao comentar sobre o nacionalismo assim reconhece que não só a matéria indianista, tão cara à primeira geração romântica, tem cultores aqui no Brasil e não deve ser tratada como único tema, mas também “a natureza americana, já cultuada pelos escritores, os convida a exaltá-la, cuja magnificência e esplendor desafiam a poetas e prosadores” (Machado de Assis, 1994). Machado parece adivinhar que a natureza seria a matéria principal para os poetas nacionalistas; isto demonstra que, desde Gonçalves Dias até a época de D. Aquino, havia a preocupação de valorizar as terras tropicais ou a beleza local, com o intuito de sistematizar uma arte que representa a nação. Dito isto, pode-se afirmar que a lírica do poeta mato-grossense, em Terra Natal, guarda muito da preciosidade regionalista, semelhante aos grandes nacionalistas brasileiros que desenvolveram a poesia de exaltação sob o aspecto da emoção nostálgica.

3. A Divinização da Terra Mato-Grossense – O Espaço Mítico Do Eterno Retorno

D. Aquino Corrêa escreveu textos patrióticos desde a publicação de “Odes”, renunciando a característica fundamental da sua obra: o apego à terra, aqui vista como o refúgio do poeta, o lugar que proporcionou as alegrias. Mais abaixo, transcrevemos o soneto “A Monção”, enraizada sob tal signo:

A Monção

Beijam a praia de Ararituaba
Centenas de canôas. Num céu lindo,
Raia, esplendido, o sol. Vai resurgindo
O acampamento esparso na verde aba

Do rio. O padre os abençoa, acaba
A missa, e já são horas de ir partindo...
Ei-los então, num torvelinho infindo,
Negros, índios, paulistas e o emboaba.

A Monção parte. Há beijos pelo ardente
Azul, e no Tietê, suavemente,
A barcarola das saudades erra...

Assim, de rio em rio, aves em bando,
A monção vai boiando, vai boiando
Para o eldorado em flor da minha terra.

O soneto “A Monção” de D. Francisco de Aquino Corrêa possui, em sua estrutura formal, versos de 10 sílabas métricas, rimas ABBA (interpoladas, emparedadas) 1º quarteto, ABBA (interpoladas, emparedadas) 2º quarteto, CCD (emparedadas, alternadas D - 1º terceto - com D - 2º terceto) 1º terceto, EED (emparedadas, alternadas D - 1º terceto - com D - 2º terceto) 2º terceto. Quanto ao conteúdo lírico, o poeta descreve a partida do porto de Arariguaba, localizado em Porto feliz, município do estado de São Paulo, lugar no qual o sol raia esplendido e o céu é sempre lindo, para as terras mato-grossenses: isto é atestado logo na primeira estrofe. É necessário dizer que, “monção é qualquer das expedições que descendo e subindo os rios das capitanias de São Paulo e Mato Grosso, nos séculos XVIII e XIX, mantinham as comunicações entre os vários pontos dessas capitanias” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, p. 874). Inicialmente nota-se o tom descritivo da paisagem paulistana, das gentes diversas – “negros, índios, paulistas e o emboaba” - dos acontecimentos em redor, como o término da missa, de maneira fotográfica, sem, contudo, o derramamento emocional que alguns românticos nacionalistas às vezes imprimiam; ao contrário, pois há certa estabilidade parnasiana até a penúltima estrofe, muito embora tal estabilidade seja relacionada ao aspecto emocional com que o eu – lírico exprime, por assim dizer, a realidade à sua volta. A partida, primeiro terceto, parece não ser triste ou dominada pela angústia daqueles que partem de rio em rio, sob a barcarola, do Tietê para o paraíso terrestre – “o eldorado em flor da minha terra” – verso característico no qual a superioridade de Cuiabá sobre Arariguataba apresenta-se de modo expressivo, pois eldorado, para quem acredita no mito, é “a cidade ou país fictício que exploradores do século XVI afirmavam estar na América do Sul”, mas neste caso significa mais acertadamente que é “o local pródigo em riquezas e oportunidades” (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, p. 874). A comparação entre Cuiabá e o país fictício, talvez quimérico, caracteriza a idealização extrema do lugar majestoso, evidenciando o quanto há de riquezas econômicas e naturais. Tal recorrência do lugar majestoso acontece na memória do eu lírico, de modo a coexistir passado e presente simultaneamente.

No soneto acima, a reconstrução do passado compõe o poema, apresentado o espaço anterior. É característica romântica retornar ao tempo de felicidade, de glória, etc. Por isso,

Re(cor)dar a natureza é, etimologicamente, repô-la no coração do homem, socializando-a no mesmo passo em que o homem se naturaliza . A poesia que busca dizer a idade de ouro e o paraíso perdido acaba exercendo um papel humanizador das carências primárias do corpo: a comida, o calor, o sono, o amor. (BOSI, 2000, p. 153)

Mais do que uma obra modelo, D. Aquino produziu, com grande habilidade, uma obra duradoura, cheio de beleza, e é por isso que tal obra tem sobrevivido ao longo dos anos. Sem dúvida, Mato Grosso recebeu a sua primeira epopéia, aos moldes modernos, revigorando o sabor clássico da composição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu observar a obra de D. Francisco de Aquino Corrêa, especificamente a obra *Terra Natal*. Constatou-se a influência que o Romantismo exerceu em sua personalidade, assim como o Parnasianismo predominou em sua concepção literária, isto é, o poema trabalhado enquanto forma.

Dessa maneira, podemos dizer que D. Aquino é a figura principal e influente das gerações posteriores aqui em Mato Grosso, pois é ele quem inicia uma literatura estritamente regional, ligada ao sentimento pátrio de divinização e exaltação do ambiente. Ao longo da leitura da obra percebeu-se o quanto o poeta admirava o lugar que o acolheu na infância, não apenas por ser residente ou filho natural da terra, mas pela inspiração concedida ao seu espírito artístico.

D. Aquino considerou a valorização regional em sua totalidade, a ponto de ser visto como escritor ultrapassado pelos artistas revolucionários que posteriormente o sucederam. Mas isto só o reafirmou enquanto escritor, pois realizou, não resta dúvida, o projeto de identidade ao qual trabalhou em quase toda a sua vida. Em contrapartida, a observação realizada da obra, da fortuna crítica do autor, confirma a idéia de que a notoriedade perante o público especializado é realmente incondicional. Em linhas gerais, a intenção em trabalhar o autor de “Cidade Verde” era justamente a de expor a sua produção poética a partir do aspecto do sagrado e apresentar os inúmeros trabalhos que consolidam a sua permanência e influência às gerações posteriores.

5. REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *História Concisa da literatura brasileira*. 43 Ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

COMETTI, Pe. Pedro. *D. Aquino Corrêa arcebispo de Cuiabá vida e obra*. Cuiabá: Libris, 1993.

CORREA, D. Aquino. *Terra Natal*. Brasília: Senado Federal, 1985.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEITE, Mário (Org.). *Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral publicações, 2005.

MAGALHÃES, H. G. D. *História da Literatura de Mato Grosso. Século XX*. Cuiabá: Unicem, 2001, 328 p.

MESQUITA, J. Disponível em: <http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm> Acesso em: Out. 2009.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1980.

SILVA, Corsíndio Monteiro. *Universo verbal de D. Aquino*. Brasília: edição comemorativa, 1985.